

**UMA UTILIZAÇÃO DO MÉTODO MAIA LOUREIRO:
GENEALOGIA DA FAMÍLIA MONTANHA**

Francisco Montanha Rebelo

***Resumo:** Utilizando o Método Maia Loureiro, apresenta-se a genealogia da Família Montanha entre 1640-1820, e um estudo da mobilidade social.*

***Abstract:** Using the method Maia Loureiro, presents the genealogy of the family Montanha between 1640-1820, and a study of social mobility.*

Capítulo 1

Introdução – breve explicação do método Maia Loureiro

Em setembro de 2015 foi publicado o livro com o título “Estratificação e Mobilidade Social no Antigo Regime em Portugal (1640-1820)” da autoria de Guilherme Maia de Loureiro.

O “livro corresponde sensivelmente à tese de doutoramento em Ciências Sociais” que o autor defendeu em fevereiro de 2013¹.

No Abstract do livro, o autor diz que pretende apresentar “à comunidade científica uma proposta de modelo de estratificação baseada numa análise da estrutura social do Antigo Regime português que conjuga uma perspectiva do seu enquadramento formal e legal com uma interpretação sociológica de fenómenos observáveis através da documentação coeva, com o objectivo de nos aproximarmos tanto quanto possível da realidade efectivamente vivida²”.

Mais à frente, na página 359, no Quadro n.º 17, Guilherme Maia de Loureiro concretiza a sua “proposta, com base na análise da sociedade do Antigo

¹ Loureiro, Guilherme Maia, “Estratificação e Mobilidade Social no Antigo Regime em Portugal (1640-1820)”, Lisboa: Guarda-Mor, Edições de Publicações Multimédia, 2015, pág. 15.

² Idem, ibidem, pág. VII.

Regime português apresentada nesta tese, nomeadamente do período compreendido entre 1640 e 1820³⁷⁷, que aqui transcrevemos no Quadro n.º 1.

Quadro nº1 – Tabela de Estratificação Social no Antigo Regime em Portugal:

estrato genérico	estrato específico	requisitos	exemplos
TITULARES	grandeza do reino (GR)	Indivíduos agraciados com um título nobiliárquico com grandeza, ou clérigos que adquirissem este estatuto por inerência de um título eclesiástico	duques, marqueses, condes, viscondes com grandeza, cardeais, arcebispos e bispos
	titulares sem grandeza (TSG)	Indivíduos agraciados com um título nobiliárquico sem grandeza do Reino	barões e viscondes sem grandeza
FIDALGUIA	primeira nobreza do reino (PNR)	Indivíduos que tendo alcançado a fidalguia de foro, recebiam mercês adicionais, muito prestigiantes, que os destacavam claramente dos restantes fidalgos. Indivíduos pertencentes às famílias tituladas, mas que não eram herdeiros dos respectivos títulos	oficiais-mores e gentis-homens da Casa Real, fidalgos com exercício ou honras de exercício no Paço, senhores de terras com jurisdição, alcaides-mores e comendadores das ordens militares, filhos segundos e netos não sucessores de casa titulares
	fidalguidade de foro (FF)	Indivíduos promovidos por decisão expressa do fons honorum aos foros superiores de moradores da Casa Real	fidalgos-cavaleiros, fidalgos-escudeiros, moços-fidalgos e fidalgos-capelães da Casa Real
	fidalguidade de cota de armas (FCA)	Indivíduos cuja ascendência nobre, verdadeira ou falseada, era oficialmente reconhecida pela fons honorum, que consequentemente os elevava ao primeiro patamar da fidalguia	receptores de cartas de braço de armas
NOBREZA	nobreza de mercê (NM)	Indivíduos nobilitados através de uma mercê individual, que reflectia a vontade expressa do fons honorum de promover essa mesma nobilitação, como remuneração por serviços prestados à Coroa	cavaleiros de ordens militares e matriculados com foros menores da Casa Real
	nobreza hereditária (NH)	Indivíduos que herdavam a nobreza adquirida por seus pais ou avós, com os respectivos direitos e privilégios, mesmo não concretizando uma filiação institucional nobilitante	filhos e netos de indivíduos que alcançaram os estratos da nobreza civil ou nobreza de mercê. Justificantes em processos de justificação de nobreza genéricos
	nobreza civil (NC)	Indivíduos que atingiam postos ou desempenhavam cargos que nobilitavam genericamente quem os exercesse, e que, como tal lhes conferiam direitos e privilégios concretos	bacharéis, juizes, vereadores, oficiais superiores das ordenanças, das milícias e das tropas pagas. Eclesiásticos cujos cargos implicassem especiais responsabilidades ou privilégios
ESTADO DO MEIO	estado do meio superior (EMS)	Indivíduos cujos activos profissionais ou patrimoniais lhes garantiam um estilo de vida compatível com o estereótipo da nobreza, mas que não atingiram efectivamente esse patamar. Identificados correntemente como vivendo à Lei da Nobreza	senhores de grandes vínculos patrimoniais, grandes lavradores, negociantes de grosso trato e privilegiados, desde que cumprindo os restantes requisitos do estado do meio. Possivelmente alguns abades e reitores cujos rendimentos fossem avultados
	estado do meio inferior (EMI)	Indivíduos cujos activos culturais ou patrimoniais lhes garantiam um estilo de vida que não implicava trabalho braçal mas que, pelo contrário, lhes permitia o exercício de ofícios limpos e honrados que exigiam uma formação técnica especializada e, frequentemente, alfabetização e literacia	homens honrados, limpos de trato e de ofício, oficiais de ofícios mecânicos maiores (e.g. boticários e arungões), tabelães, escrivães, solicitadores, oficiais de contadoria, lavradores de terras próprias e negociantes com criados, familiares e comissários do Santo Ofício, clérigos in minoribus, presbíteros do hábito de São Pedro e clérigos regulares de origens populares, etc..
PLEBE	meecânicos independentes (MI)	Indivíduos com um mínimo de formação profissional e base patrimonial que lhes permitia garantir a sua subsistência sem estarem na dependência directa de outrem	oficiais mecânicos de ofícios menores (e.g. sapateiros, pedreiros, tanoeiros, etc.), lojistas ou almocreves
	meecânicos dependentes (MD)	Indivíduos destituídos de activos culturais ou patrimoniais que possibilitassem trabalho como independentes mas que, por norma, conseguiam garantir o seu sustento	jornaleiros, serviços e escravos
	sub-estrato (SE)	Indivíduos destituídos de activos culturais, profissionais e patrimoniais que permitissem garantir a sua subsistência, apenas alcançada através de instituições de caridade ou de expedientes ilícitos	ociosos, pobres, vagabundos, mendigos e marginais

É nosso objectivo com este artigo, “através da confrontação da genealogia apresentada (no capítulo 2) com a tabela de estratificação e mobilidade social

³ Idem, ibidem, pág. 359.

apresentada nesta tese⁴” fazer um quadro sobre a mobilidade social da família Montanha, à semelhança do que Guilherme Maia de Loureiro fez na “Parte V – Estudos de Caso: reconstituição de percursos de mobilidade” do seu livro com várias outras famílias: Soares Brandão, Correia Botelho, etc..

Capítulo 2 Genealogia da família Montanha entre 1640-1820

I. João Carreira

Natural de Santarém, onde deverá ter nascido no início do século XVII.

Morreu em Lisboa, na freguesia de St.^a Catarina, a 12 de Junho de 1666⁵, sendo sepultado no Convento de Jesus, não tendo deixado testamento.

Era filho legítimo de **Jorge Carreira** e de sua mulher **Brites Rodrigues**, moradores em Santarém, Marvila, que morreram antes de 1630.

Casou em Oeiras, na freguesia de N.^a Sr.^a da Purificação, a 27 de Janeiro de 1630⁶, com **Luísa Ribeiro**, filha de Cosme Ribeiro e de sua mulher Joana Jorge, recebidos em Oeiras a 7 de Abril de 1609⁷. Viveram em Oeiras, no Reguengo.

João Carreira e Luísa Ribeiro tiveram, entre outros, o seguinte filho:

II. Diogo Ribeiro Carreira

Nasceu em Oeiras, N.^a Sr.^a da Purificação, e foi baptizado a 23 de Novembro de 1638⁸ sendo padrinho Diogo Vitorino da Cruz.

Morreu em Lisboa, Santa Catarina, na Rua de Pedro Dias, a 20 de agosto de 1671⁹, sem testamento, sendo sepultado no Convento de Nossa Senhora de (ilegível).

⁴ Idem, ibidem, pág. 376.

⁵ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, St.^a Catarina, O.-5, fl. 80v.º.

⁶ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Oeiras, N.^a Sr.^a da Purificação, M.-1, fl. 42. Testemunhas: Miguel Pereira da Torre, Vicente Gonçalves Rebello, Afonso Tomé e Lourenço Martins.

⁷ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Oeiras, N.^a Sr.^a da Purificação, M.-1, fl. 9.

⁸ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Oeiras, N.^a Sr.^a da Purificação, B.-3, fl. 60.

⁹ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, St.^a Catarina, O.-5, fl. 111.

Em 1751, no processo de habilitação para o Santo Ofício de sua neta D. Violante Josefa do Souto, a testemunha D. Bárbara Francisca de Sousa, solteira, natural de Lisboa, freguesia de Santa Justa e moradora na da Encarnação, na Rua “*da ametade das flores*”, de 43 anos, declara que ouviu dizer que Diogo Ribeiro era natural de Santarém e se lembra que seu filho José da Costa Montanha pretendeu uma certidão, não sabe se do pai ou do avô, e que veio a resposta que os livros da freguesia se tinham queimado, e parecia-lhe que a freguesia era Marvila.

No mesmo processo, a testemunha Guilherme José de Carvalho Bandeira, secretário do Conde de Vila Nova, viúvo de D. Bárbara Francisca Xavier, natural de Lisboa, freguesia da Encarnação e morador em Santos, de 39 anos, declara que ouviu a José da Costa Montanha que seu pai fora impressor e que depois da morte deste ficara a viver com um tio, Jorge Carreira, “*o qual he o que lhe dava o sustento e que o mandava ao estudo*”.

D. Leocádia Teresa Rosa, viúva de José da Costa Montanha, depõe no referido processo de sua enteada. Declara ter ouvido dizer que Diogo Ribeiro Carreira era natural de Santarém e que o seu marido tentara obter uma certidão deste ou de seu pai e tinha vindo a resposta de que os livros se tinham queimado. Ouviu o seu marido dizer que Diogo tinha sido impressor e que tinha um irmão, Jorge Carreira, que também fora impressor “*da oficina chamada de Charsbeque*” e que tinha outros parentes, como a mulher de Bento Carreira Moniz, que morou no Poço Novo, e lhe parecia que era irmã de Diogo, como também a mulher de Santos da Costa Freire, todos já falecidos.

D. Maria de Matos Osório, natural e morador em Atouguia da Baileia, de cerca 65 anos, testemunha ouvida em Peniche, diz que conheceu Isabel Delgada por assistir alguns anos em casa dos pais dela testemunha; Diogo Ribeiro Carreira tinha sido “*impressor de livros de cuja occupação sustentava a sua familia*”¹⁰.

Casou com Isabel Delgada.

Segundo a habilitação para o Santo Ofício de Caetano Duarte Ferreira e Barbuda, adiante referida, Isabel nasceu em Peniche, N.^a Sr.^a da Ajuda, e foi baptizada a 11 de Julho de 1610¹¹ (padrinhos: Vi-

¹⁰ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbuda, mç. 4, n.º 55, fl. 6.

¹¹ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbuda, mç. 4, n.º 55, fl. 6.

cente Fernandes e Isabel Palhana), filha de Pedro Gonçalves e de Catarina Franca.

Diogo Ribeiro Carreira e Isabel Delgada tiveram, entre outros, o seguinte filho:

III. José da Costa Montanha

Nasceu em Lisboa, St.^a Catarina, Lisboa, e foi baptizado a 26 de Fevereiro de 1672¹², sendo padrinhos Santos da Costa e D. Inês de Sousa. Morreu em Santos-o-Velho a 7 de março de 1749¹³, com o sacramento da Extrema Unção.

Em 1751, no processo de habilitação de sua filha para casar com um Familiar do Santo Ofício, as testemunhas de Tomar dizem que foi Escrivão do Geral e Escudeiro de Bartolomeu Pimentel Maldonado¹⁴.

As testemunhas ouvidas em Maiorga referem ter sido Escrivão ou Feitor das madeiras do Pinhal de El-Rei.

Em Lisboa foram ouvidas diversas testemunhas que deixam contributos valiosos para a biografia de José da Costa Montanha:

Padre Frei José de Santa Helena, Religioso da Terceira Ordem de S. Francisco, Conventual no Convento de Nossa Senhora de Jesus e Companheiro do Comissário da mesma Ordem, natural de Lisboa, freguesia de Santa Catarina, de 65 anos. Declarou ter conhecido José da Costa Montanha em rapaz na freguesia de Santa Catarina, morador na Rua de Pedro Dias, junto ao Convento de Jesus, “*e depois foi para as Indias de Espanha onde esteve muytos annos, e veyo para esta cidade onde foy morador junto da Esperança e nesse tempo he que cazou com Dona Violante Barboza de Macedo*”; ouviu dizer que José da Costa Montanha “*criara de pequenina a ditta sua mulher*”; depois de voltar das Indias de Espanha “*se ocupava em escrever a hum Cavalheiro*”.

Manuel do Couto Pestana, solteiro, que vivia de suas fazendas, natural e morador na freguesia de Santa Catarina, na Rua das Parreiras, junto do Convento de Jesus, de 78 anos. Declara que teve por alcunha “*o sette cabeças*”, foi para as Indias de Espanha “*por feytor*

¹² Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbu-da, mç. 4, n.º 55, fl. 7-7v.º.

¹³ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Santos-o-Velho, O.-5, fl. 45v.º.

¹⁴ <http://geneall.net/pt/nome/117049/bartolomeu-pimentel-maldonado/>

de contrato”, e depois de vir “*casara para as bandas do Mocambo, e escrevia ao letrado Jozé Gomes da Cruz*”.

D. Bárbara Francisca de Sousa, solteira, natural de Lisboa, freguesia de Santa Justa e moradora na da Encarnação, na Rua “*da ametade das flores*”, de 43 anos, declara que José da Costa Montanha era primo inteiro “*por sanguinidade*” do seu pai, Agostinho Quaresma filho de Maria Ribeiro, “*por donde vinha o parentesco*”. Diz ter conhecido Isabel Delgada já viúva em casa de seu filho, e que este e o pai dela testemunha se tratavam por parentes com um tal Aparício do Couto, o qual ouviu dizer seu pai era Familiar do Santo Ofício e morava “*para as partes*” de Oeiras e vivia de suas fazendas, sendo solteiro. Ouviu também dizer que um tio ou irmão fora Impressor do Santo Ofício e que José da Costa Montanha tinha parentesco com Frei Estácio da Boa Hora, “*aonde foi Vigario Geral*”, com um religioso do Carmo, “*fulano Ribeiro*” e com um Padre da Companhia de Jesus. Põe a hipótese de Aparício do Couto ser filho de uma irmã de Diogo Ribeiro.

D. Henrique José de Almeida, Religioso da Sagrada Religião do Hospital de Jerusalém de Malta e nela Capelão de Obediência, natural de Vila Viçosa, Arcebispado de Évora, e morador na Rua de Pedro Dias, junto ao Convento de Jesus, freguesia de Santa Catarina, de 55 anos, declara ter conhecido José da Costa Montanha, morador nesta freguesia na Rua do Vale, Terreirinho, “*e este conhecimento tem dele por lhe escrever varios tempos em sua Caza, e tinha notticia que elle antecedentemente tinha embarcado para as Indias de Espanha por Ordem de Sua Magestade por Escrivão do Comercio*”. Sabe que casou duas vezes e que a 2.^a mulher que ainda é viva “*e dizia elle que a tinha trazido ao collo em pequena, e tinha varios filhos que existem, e a sua occupação era ser manuense (sic), por que escrevia bem*”. Não conheceu os pais dele mas sabia que moraram na casa onde ele testemunha mora e ouviu dizer que José da Costa Montanha tinha parentesco com Francisco Carreira Moniz, homem de negócio que morou no Poço Novo.

Josefa Maria da Rosa, viúva de José da Rosa Pinto e sogra de José da Costa Montanha, diz que este “*exercitava a occupação de escrever em varias partes*”.

D. Leocádia Teresa Rosa, viúva de José da Costa Montanha, depõe também no processo de sua enteada. À data (1751) assistia em casa da Condessa de Valadares, freguesia do Sacramento. Declara que não conhecia a enteada mas sabia que vivia na Nazaré em casa do cunhado Francisco Solano. Conheceu a mãe da habilitanda, “*que*

foy a que lhe deu de mamar em Lisboa, pela grande amizade que havia entre os pays de huns e outros". José da Costa Montanha era primo do Capitão José Rodrigues, pai de Francisco Xavier, Sargento ou Alferes do Regimento da Armada, e também de Agostinho Ribeiro Quaresma, que foi do Consulado da Casa da Índia, irmão de D. Bárbara Francisca de Sousa que ainda existe em casa da viúva do dito Agostinho. Dizia também ser parente de Aparício do Couto mas D. Leocádia não sabia como.

Por fim, José de Sande Nabo, que vivia de suas fazendas, casado com D. Catarina Tomásia Xavier, natural do Cadaval de Óbidos, Arcebispado de Lisboa, e morador ao Cunhal das Bolas, junto de S. Pedro de Alcântara, freguesia de Nossa Senhora das Mercês, Familiar do Santo Ofício e Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, de 66 anos, diz ter conhecido José da Costa Montanha *"por elle testemunha hir com seo pay a Indias de Espanha há mais de sincoenta annos, onde achou o refferido Jozé da Costa Montanha, e soube então que ele era de Lisboa"*¹⁵.

O processo de habilitação para a Ordem de Cristo de seu filho Alexandre José contém também dados interessantes para a biografia de José da Costa Montanha:

Alexandre de Sousa Barroso, *"Cidadão desta Cidade"* e Escrivão proprietário e Meirinho geral do Tribunal da Legacia, morador na cerca de S. Bento, freguesia de St.^a Isabel, de 73 anos, disse que o pai do justificante *"fora na sua mocidade secretario do Conde de Val de Reys velho e depois caindo em pobreza assistia em sua caza escrevendo alguns papeis e fazendo outras contas tocantes ao negocio de que era encarregado por muitos homens delle pela sua intelligencia, e letra"*; a mãe depois de viúva for a para *"Dona da Condeça de Valladares aonde existia ainda hua Irmá do habilitante"*.

José de Sousa, mestre carpinteiro de seges, morador na Calçada do Combro, freguesia de Santa Catarina, de 47 anos, disse que viveram na Rua do Sol que servira na superintendência de Mafra *"e depois se occupava em fazer varios papeis em sua caza tocantes a negocios, sem que lhe conheça outro algum exercicio mecanico, nem ouviu dizer o tiveice"*.

¹⁵ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barburda, mç. 4, n.º 55.

Diversas testemunhas ouvidas em Lisboa referem o emprego de secretário do Conde de Vale de Reis Velho e dizem não lhe ter conhecido outro ofício.

Na vila da Pederneira, o Padre João Luís da Rosa, Beneficiado na Colegiada de Santa Maria dos Areias, disse saber que José da Costa Montanha viveu nesta vila onde foi escrivão da Misericórdia, como tem visto nos livros da dita Santa Casa¹⁶.

A 8 de Junho de 1732 assina um documento como Escrivão das Carruagens da Corte e Reino, atestando a pedido do Desembargador Manuel Godinho de Azevedo, Superintendente das Carruagens da Corte e Reino, que Guilherme José de Carvalho Bandeira serviu na Superintendência sem ordenado, ajudando ao Escrivão, e tratavam das pedras para a construção do Convento de Mafra.

Casou duas vezes:

1.^a, com **D. Violante Barbosa de Macedo**, que nasceu na Quinta da Granja, Maiorga, Alcobaça, e foi baptizada a 3 de Novembro de 1687¹⁷, sendo padrinhos Sebastião Leite e sua mulher Bárbara do Souto.

Filha de José de Macedo Serrão, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, natural de Lisboa, freguesia de Santa Engrácia, e de sua mulher, com quem casou em Maiorga a 26 de Abril de 1677¹⁸, D. Luísa Maria Josefa de Aguiar, natural de Maiorga, baptizada a 7 de Novembro de 1661¹⁹ (padrinhos: Cipriano Velho e Marta do Souto). Neta paterna de Manuel de Macedo e de D. Violante Barbosa. Neta materna de Francisco do Souto e de Maria do Souto, de Salir do Mato.

Segundo afirma Josefa Maria da Rosa, viúva de José da Rosa Pinto, mãe da 2.^a mulher de José da Costa Montanha, D. Violante “*deu de mamar à mesma Dona Leocadia*”, ou seja, à que viria ser 2.^a mulher

¹⁶ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Alexandre José Montanha, mç. 22, n.º 6.

¹⁷ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbu-da, mç. 4, n.º 55, fl. 59.

¹⁸ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbu-da, mç. 4, n.º 55, fl. 8. Testemunhas: Bartolomeu Rodrigues, Jorge do Souto e Domingos Pereira.

¹⁹ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbu-da, mç. 4, n.º 55, fl. 60.

de seu marido, na mesma ocasião em que deu de mamar a uma filha dela, D. Luísa²⁰.

2.ª, Lisboa, Encarnação, a 26 de Março de 1729²¹, com **D. Leocádia Teresa da Rosa** (ou Leocádia Teresa Rosa), que nasceu na Pederneira, hoje Nazaré, concelho do mesmo nome. Depois de viúva foi “*dona de casa*” da Condessa de Valadares, segundo diversas testemunhas que depuseram no processo de habilitação para a Ordem de Cristo de seu filho, onde morreu.

Filha de José da Rosa Pinto, nascido na Pederneira, Capitão, Escrivão da Fazenda Real na praça de Cacheu, e de sua mulher D. Josefa Maria Rosa de Moraes, nascida em Lisboa, Mártires.

Neta paterna de Tomé Simões, ferreiro e de N..., que “*tivera loge de mersaria*”, segundo a habilitação para a Ordem de Cristo do neto Francisco José Joaquim²².

Neta materna de Alexandre de Morais Heusch, baptizado em Lisboa, St.ª Catarina, a 8 de Abril de 1649²³ (padrinho: Gaspar de Faria Severim, Secretário das Mercês), “*procurador de Cauzas*”, segundo a habilitação de seu neto Guilherme José (abaixo referida), Cônsul Geral da Nação Alemã, e de Maria Ribeira (filha de Pedro Dias e de Maria Ribeira), baptizada em Leiria, Sé, a 24 de Outubro de 1658.

José da Rosa Pinto era irmão de Manuel da Rosa Pinto, nascido na Pederneira, Físico-mor e Lente de Medicina em Goa, pai de Francisco José Joaquim da Rosa Pinto, Cavaleiro da Ordem de Cristo (1721)²⁴ em recompensa dos serviços do pai:

“El Rey Nosso Senhor, tendo respeito a Manoel da Roza Pinto natural da Vila da Pederneira, Coutos de Alcobaça, filho de Thomé Simões, ser obrigado na monção de Março de 1712 a passar ao Estado da India como o exercicio de Físico Mor em Companhia do Vice Rei Vasco Fernandes Cezar, e com esta occazião ficar perdendo grandes conveniencias que nesta

²⁰ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbu-da, mç. 4, n.º 55.

²¹ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Encarnação, C.-6, fl. 220. Testemunhas: António Pereira Pinto, homem de negocio, e seu filho Luís Pereira Pinto, moradores na freguesia do Sacramento.

²² Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Francisco José Joaquim, mç. 35, n.º 22.

²³ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Guilherme José de Carvalho Bandeira, mç. 2, n.º 10, fl. 33.

²⁴ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Francisco José Joaquim, mç. 35, n.º 22.

Corte tinha nascidas da boa aceitação com que assistia aos emfermos, com esperança de mayor ventagem deixando dous filhos de menor idade sem mais Lucro que o de suas Letras, e na viagem Curar os emfermos em Moçambique, e na Cidade de Goa exercitar a ocupação de Fisico Mor, e lente de Medicina, com muita aceitação, charidade e siencia, e assistir no Hospital Real da mesma Cidade e aos emfermos dos Conventos por mais de sinco annos e meyo the 20 de outubro de 1717, curando em enfermidades gravissimas com muita Fortuna, sem faltar á sua obrigação nem aceitar Lucro das visitas que fes aos emfermos dos Conventos não tendo partido, e assistir tambem aos da inquisição daquella Cidade em satisfação de tudo e do mais que por sua parte se lhe representou: Há por bem fazer lhe mercê de sessenta mil reis de tença effectiva que se asentarão em hu dos Almoxtarifados do Reino em que couberem sem prejuizo de 3º e não houver prohibição com o vencimento na forma da ordem de Vossa Magestade dos quais serão quarenta para seu filho Francisco Joseph Joachim de que logrará doze a titulo do habito de Christo que lhe tem mandado lançar e os vinte restantes para seu filho João Gualberto relligiozo no Convento da Santissima Trindade pellos quaes se partio a dita mercê pella faculdade que se lhe concedeo. Lisboa occidental 30 de Dezembro de 1720 Diogo de Mendonça Corte Real”.

Francisco José Joaquim teve problemas na habilitação por seus avós exercerem ofícios mecânicos mas acabou por conseguir dispensa. Servia nos Contos da Mesa da Consciência e Ordens “*como praticante assistindo a tomar das contas, em que tem tido trabalho e nenhum emulumento pellos serviços se faz digno da graça da dita dispensa de que tem repetidos exemplos a seu favor, e o supplicante se tratar com todo o luzimento*”²⁵.

D. Josefa Maria Rosa era irmã de Francisca Maria dos Anjos, baptizada em Lisboa, Mártires, a 12 de Outubro de 1678²⁶ (padrinho: Henrique Capella, morador à Esperança, e Antónia da Silva, moradora na Corte Real), que casou Lisboa, Encarnação, a 7 de Novembro de 1712²⁷ com António Guilherme de Carvalho Bandeira (filho de Guilherme Carvalho e de sua mulher Maria da Silva), baptizado em Lisboa, St.^a Catarina, a 5 de Janeiro de 1688 (padrinho: João de

²⁵ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Francisco José Joaquim, maço 35, n.º 22.

²⁶ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Guilherme José de Carvalho Bandeira, mç. 2, n.º 10, fl. 35.

²⁷ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Guilherme José de Carvalho Bandeira, mç. 2, n.º 10, fl. 29. Testemunhas: Pedro da Cunha e André da Silva.

Brito Grosso) Foram pais dos gémeos Maria e Guilherme, baptizados em Lisboa, Encarnação, a 24 de Agosto de 1713²⁸.

Guilherme José de Carvalho Bandeira recebeu o hábito da Ordem de Cristo de seu sogro, Dionísio Cardoso Pereira, que lhe deu os seus serviços em dote (1749) por casar com sua filha D. Bárbara Francisca Xavier. Teve problemas na habilitação (1752-1758) porque diziam que tinha exercido o ofício de “*cabileireyro com loja aberta nesta Corte*”, o que o suplicante negou dizendo que era confusão com um vizinho que exercitava o dito ofício, “*a quem algumas veses ajudava nelle (por não necectar de sciencia) sem nunca ter loja aberta nesta Corte*”. Em 1729, com 16 anos, passou a Pero Pinheiro onde esteve até 1731 empregado no Real Serviço. Declarou que escreveu “*algunz papeis*” (o que também tinha levantado problemas), “*por lhe resultar da aplicação que teve ás letras a gloria (posto que mal merecida) de que o Author da Biblioteca Lusitana o collocase no Cathalogo dos Escriptores do nosso Reyno*”. A sua indigência obrigou-o a assistir a D. Maria de Noronha e D. Luísa Vicência de Meneses de 1737 a 1741 como atesta numa certidão o filho e marido destas senhoras, Bernardino Francisco de Sousa Tavares e Távora. Em 1752 era Praticante dos Contos da Mesa da Consciência e Ordens, desde 1745, e secretário do Conde de Vila Nova de Portimão.

Filhas do 1.º casamento de José da Costa Montanha:

IV. D. Luísa Teresa do Souto

Nasceu na Pederneira e foi baptizada a 15 de outubro de 1707²⁹, sendo padrinhos D. Luísa Micaela de S. José³⁰ e Luís Garcia de Bivar³¹, da cidade de Lisboa.

Casou no Oratório das casas dos contraentes no Sítio da Nazaré, Pederneira, a 1 de fevereiro de 1734³², com **Francisco Solano de**

²⁸ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Cristo*, Guilherme José de Carvalho Bandeira, mç. 2, n.º 10, fl. 32.

²⁹ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Francisco Solano de Almeida, mç. 4, n.º 83, fl. 76-77.

³⁰ <http://geneall.net/pt/nome/180352/luisa-micaela-de-s-jose/>

³¹ <http://geneall.net/pt/nome/180302/luis-garcia-de-bivar/>

³² Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Francisco Solano de Almeida, mç. 4, n.º 83, fl. 1434, fl. 60. Testemunhas: Capitão Manuel de Almeida Rodrigues, Nicolau de Almeida e Beneficiado Silvério Marques.

Almeida, nasceu no Sítio de Nossa Senhora da Nazaré e foi baptizado na Pederneira a 21 de julho de 1696³³, sendo padrinhos: Padre António de Azevedo, que o baptizou, e Catarina Ribeiro, mulher de António Carvalho.

Foi Capitão de Ordenanças, Escrivão das madeiras do pinhal de El-Rei e Familiar do Santo Ofício por carta de 18 de março de 1755.

Filho do Capitão Manuel de Almeida Rodrigues, baptizado na Pederneira a 22 de março de 1656 (padrinhos: Gaspar Rodrigues e Catarina Luís, da Pederneira) e de sua mulher, recebidos na Pederneira a 18 de Março de 1671³⁴, Maria Paulina, baptizada na Pederneira a 7 de Dezembro de 1652 (padrinhos: Francisco Nunes e Domingas, filha de Martim Luís, morador no Sítio). Viviam “*de suas fazendas*”.

Neto paterno de Domingos Luís Patrão (filho de Francisco Luís Patrão e de sua mulher Isabel Vicente), que recebeu os Santos Óleos na Pederneira a 24 de Agosto de 1620 (padrinhos “*dos Exorcismos*”: António de Almeida e Maria de Almeida), homem do mar que também vivia de suas fazendas, e de sua mulher, recebidos na Pederneira a 5 de Abril de 1655, Francisca de Almeida (filha de Francisco de Almeida e de sua mulher Andresa de Almeida), baptizada na Pederneira a 29 de Setembro de 1628 (padrinhos: Manuel Gomes Vieira e Ana de Almeida, mulher de Francisco Luís Calvo, todos da Pederneira).

Neto materno de Paulo Fernandes Belo (filho de Manuel Fernandes Ratinho e de Joana Bela), crismado na Pederneira a 15 de Junho de 1625, pelo Bispo de Targa D. Tomé de Faria (padrinho: Pedro Luís Leão) e baptizado na mesma Igreja (padrinho: Pedro de Almeida) e de sua mulher, recebidos na Pederneira a 2 de Novembro de 1648³⁵, Francisca Luís (filha de Martim Luís de Nossa Senhora e de Maria de Carvalho), baptizada na Pederneira a 29 de Setembro de 1640 (padrinhos: Padre António da Rua e Isabel Afonso)³⁶.

³³ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Francisco Solano de Almeida, mc. 4, n.º 83, fl. 1434, fl. 57.

³⁴ Testemunhas: Manuel Carvalho e Domingas Carvalho, do sítio da Nazaré.

³⁵ Testemunhas: Manuel Dinis e Cristovão Fernandes.

³⁶ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Francisco Solano de Almeida, mc. 4, n.º 83, fl. 1434, fl. 57-60.

IV. D. Violante Josefa do Souto

Nasceu em Tomar, S. João Baptista, e foi baptizada a 11 de abril de 1717³⁷, sendo padrinhos António de Évora Heitor e D. Catarina de Brito Vilas-Boas.

Em 1751 iniciou-se a sua habilitação pelo Santo Ofício para poder casar com um Familiar.

Casou na Pederneira a 22 de fevereiro de 1753³⁸ (por procuração a seu cunhado Francisco Solano de Almeida) com **Caetano Duarte Ferreira e Barbuda**, que nasceu na Pederneira e recebeu os Santos Óleos a 7 de junho de 1709³⁹, sendo padrinhos o Alferes Francisco Luís, do Sítio, e Luís Monteiro (?), de Pataias (?).

Em 1748 era morador no Sítio da Nazaré, termo da vila da Pederneira, ourives do ouro e habilita-se a servir o Santo Ofício, de que já era Familiar o seu irmão e sócio José Duarte Ferreira. Dizem ser “*de boa vida e costumes, com capacidade para os negocios de importancia, e segredo vive limpa e abastadamente sabe ler e escrever*”, solteiro e sem filhos.

Teve carta de Familiar do Santo Ofício a 23 de setembro de 1748.

Era filho de Manuel Ferreira, baptizado na Pederneira a 21 de março de 1668 (padrinhos: Luís Pereira e Maria de Almeida), ferrador em 1709 e referido como “*do officio de alveytar*” em 1739, e de sua mulher, com quem casou na Pederneira a 24 de maio de 1699⁴⁰, Maria Duarte. Eram moradores no Sítio da Nazaré.

Neto paterno de José Rodrigues (filho de João Rodrigues (ou Fernandes?) e de sua mulher Felipa Rodrigues (ou Fernandes?)), baptizado na Pederneira a 17 de Novembro de 1627 (padrinhos: João Fernandes Romeu e Catarina Henriques), homem do mar, e de sua mulher, recebidos na Ermida de N.ª Sr.ª da Nazaré a 12 de agosto de 1666⁴¹, Maria Mendes (filha de Pedro Mendes Ferreira e de Catarina Jorge), baptizada na Pederneira a 29 de Fevereiro de 1628 (padrinho: Diogo Barão (?) de Resende e Catarina Luís).

³⁷ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbuda, mç. 4, n.º 55, fl. 9.

³⁸ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Francisco Solano de Almeida, mç. 4, n.º 83, fl. 1434, fl. 77. Testemunhas: Amaro Carvalho e Bento de Abreu.

³⁹ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, Caetano Duarte Ferreira e Barbuda, mç. 4, n.º 55, fl. 23.

⁴⁰ Testemunhas: Manuel de Almeida, ..., e António Carvalho, ...

⁴¹ Testemunhas: Damião Gomes, Pedro de Almeida ... e Domingos Gomes.

Todos moradores no referido Sítio da Nazaré.

Neto materno de António Fernandes (filho de Francisco Fernandes e de Maria Antunes), latoeiro, baptizado em Sintra, S. Martinho, a 10 de Novembro de 1652 (padrinhos: Capitão Mateus Cabral e Luísa Cabral, de Sintra), e de sua mulher, com quem casou em Lisboa, St.^a Marinha, a 12 de Outubro de 1676⁴², Maria de Barbuda (filha de Custódio Barbuda e de Isabel Duarte), baptizada em Peniche, S. Sebastião, a 28 de Setembro de 1646 (padrinhos: Francisco Vicente e Maria Duarte mulher de Brás Dorta). Foram moradores Sítio da Nazaré⁴³.

O referido Caetano Duarte Ferreira era irmão de José Duarte Ferreira, nascido na Pederneira e baptizado a 4 de janeiro de 1704⁴⁴ (padrinhos: o Capitão Luís dos Santos Coelho e “*ad honorem*” Francisco Luís de Carvalho, do Sítio da Nazaré). Em 1739 era ourives do ouro, tinha duas lojas, e vivia “*limpa e abundantemente dos lucros do seu officio*”. Habilitou-se para o Santo Ofício sendo-lhe passada carta de Familiar a 20 de abril de 1740.

Filho do 2.º casamento de José da Costa Montanha:

IV. Alexandre José Montanha

Nasceu em Lisboa, Pena, a 28 de março de 1730 e foi baptizado a 10 de abril⁴⁵, sendo padrinho Manuel Casado Viana e madrinha, por procuração, Antónia Maria.

Morreu em Lisboa, Mercês, na Rua dos Caetanos, a 12 de novembro de 1800⁴⁶, com todos os sacramentos. Foi sepultado no Convento dos Caetanos. Estudou na Academia Militar da Corte, tendo aprendido, aritmética, desenho, álgebra, geometria, fortificação de praça e campanha, hidráulica e trigonometria plana.

Em 1763, parte para Abrantes sendo Ajudante de Infantaria com exercício de Engenheiro. Em 1765 é promovido a Capitão com o mesmo exercício, para ir servir no Rio de Janeiro durante 6 anos

⁴² Testemunhas: Manuel de Almeida, António da Silva, António Delgado.

⁴³ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, José Duarte Ferreira, mç. 4, n.º 724, fl. 42-44.

⁴⁴ Torre do Tombo, *Habilitações para o Santo Ofício*, José Duarte Ferreira, mç. 4, n.º 724, fl. 41v.º-42.

⁴⁵ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Pena, B.-10, fl. 43

⁴⁶ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Mercês, O.-4, fl. 1v.º.

com o soldo de 24\$000 reis por mês. Nesse mesmo ano recebe o Hábito da Ordem de Cristo com 40 mil reis de tença a 25 de outubro, e licença para a poder repartir, o que fez do seguinte modo: 8 mil reis para a mulher, 8 mil reis para a filha D. Mariana Gertrudes e 12 mil reis para o filho José Alexandre⁴⁷.

Habilitou-se então pela Mesa da Consciência e Ordens, estando já de partida para o Brasil. Dos depoimentos das testemunhas neste processo interessa reter:

Rosa Maria Joaquina, criada de Cristovão Luís Gil, moradora na Rua dos Prazeres, de 48 anos, disse que conheceu os pais que moraram na Rua da “Mandragôa” e que o justificante “*por seus principios fora criado grave da Caza do Calhariz donde for a aprender a Engenharia, e que presentemente ouvio dizer era Capitam della, e estava a partir para a Cidade do Rio de Janeiro*”.

Padre António de Paiva Silva e Castro, Sacerdote do hábito de S. Pedro, morador na Rua da Rosa das Partilhas em casa do Conde de Valadares, de 48 anos, declarou que o justificante “*se criara nobremente nos estudos em caza de seus Pays; depois for a Escudeiro da Princeza de Ostem (sic) [Holstein] mulher de D. Manoel de Souza Calhariz, e que desta Caza fora aprender a Engenharia*”.

Foi aprovado pela Mesa da Consciência e Ordens a 10 de dezembro de 1766 e autorizado a receber o hábito no Rio de Janeiro.

Notável urbanista, topógrafo, agrimensor, fundador da cidade de Porto Alegre, no Brasil, onde ainda existe uma avenida com o seu nome (Rua Capitão Montanha).

A 20 de Novembro de 1780 foi promovido a Sargento-mor de Infantaria (equivalente a Major), mantendo sempre o exercício de engenheiro. Em 1782 erigiu novas povoações no Brasil e em 1784 obteve provisão de licença para do Rio de Janeiro vir à Corte. A 16 de Maio de 1791 ascendeu a Tenente-Coronel.

Serviu como Capitão, Sargento-mor e Tenente-Coronel de Infantaria com o exercício de engenheiro, em Lisboa e no Brasil, entre 25 de outubro de 1765 e 30 de julho de 1791 segundo a carta de mercê de uma tença de 88 mil reis que lhe foi concedida pela Rainha D. Maria I a 6 de Fevereiro de 1792⁴⁸. Com a tença foi concedido o hábito de Santiago para se verificar em seu filho José Alexandre Montanha com 12 mil reis, renunciando ainda em mais 6 mil reis a

⁴⁷ Torre do Tombo, *Registo Geral de Mercês*, D. José I, Livro 20, fl. 332-332v.º.

⁴⁸ Torre do Tombo, *Registo Geral de Mercês*, D. Maria I, Livro 10, fl. 268-268v.º.

favor deste filho. À filha D. Mariana Gertrudes Montanha renunciou 12 mil reis e à neta D. Mariana Vitória Montanha 10 mil reis. Para a sua mulher, D. Maria Rita Doroteia, 60 mil reis⁴⁹.

Fez testamento a 11 de novembro de 1800 sendo testamenteiro seu filho José Alexandre Montanha. Declara ter sido casado a 1.^a vez com D. Maria Caetana de Azevedo, da qual ficaram dois filhos, José Alexandre Montanha e D. Mariana Gertrudes Montanha, “*os quaes existem vivos e são meus unicos Herdeiros e por taes os declaro, e com elles fiz partilha amigavel, e segundo ella se acha a dita minha filha mais que paga do que lhe tocou, e só resta ao dito meu filho a quantia de duzentos oitenta e cinco mil seis centos e oitenta reis*”. Declara que se acha no posto de Tenente Coronel do Corpo dos Engenheiros “*e quero que da minha morte senão dê parte no Quartel General por não desacomodar aos meus camaradas*”. Deixa os serviços que tem feito à Coroa no exercício militar à filha e neta D. Maria Victória parta pedirem a remuneração deles. Dispõe da terça, tomando-a nas “*Apolices do novo emprestimo e na fazenda que possuo em Manique*” e institui herdeiras desta a referida filha e neta, para ser dividida em duas partes, ficando a dita fazenda para a neta; ficam ambas obrigadas a “*concorrerem com o que for necessario, e couber no possivel a seu filho, e Irmão Alexandre Joze*”. Declara estar casado 2.^a vez com D. Maria Rita Doroteia Lisboa da qual não tem filhos. Pede que o funeral seja “*sem pompa e o deixo ao arbitrio de meus Testamenteiros*” e nomeia como testamenteiros: 1.º, o filho José Alexandre Montanha, 2.º a mulher, e 3.º José Gomes. Por não poder escrever, escreveu António de Freitas e Azevedo.

O testamento foi aprovado no dia seguinte em casa do testador, na Rua dos Fiéis de Deus e esquina da Travessa dos Caetanos, pelo Tabelião de Notas Martiniano José Vicente. Testemunhas: António João Alizere, negociante, António Maria Seabra, criado de D. Maria Margarida, José Alves, assistente na dita casa, José da Costa, criado da referida senhora, João Freire, mestre barbeiro, e Joaquim Feliciano, carpinteiro, moradores nesta rua. Foi aberto dia 13 por morte do testador⁵⁰.

Casou duas vezes:

⁴⁹ Torre do Tombo, *Registo Geral de Mercês*, D. Maria I, Livro 10, fl. 268v.º.

⁵⁰ Torre do Tombo, *Registo Geral de Testamentos*, Livro 347, fl. 107-108

1.^a, em Lisboa, Encarnação, a 7 de Setembro de 1754⁵¹, com **D. Maria Caetana de Azevedo e Ataíde**, que nasceu em Lisboa, S. Tomé, e foi baptizada a 26 de Julho de 1735⁵², sendo padrinho João Mendes de Faria e N.^a Sr.^a do Rosário por quem tocou D. Maria Micaela da Silva.

Filha de António Monteiro de Ataíde, nascido em Lisboa, Encarnação, e de sua mulher, recebidos em St.^a Marinha, D. Joana Teodora de Azevedo, nascida em S. Miguel de Alfama.

2.^a, em Lisboa, Mártires, na Rua de S. Francisco, no oratório das casas de Manuel da Silva Guimarães, a 19 de agosto de 1792⁵³, com **D. Maria Rita Doroteia Lisboa**, que nasceu em Lisboa, Mártires. Morreu cerca de 15 de fevereiro de 1823, data da abertura do testamento, sem descendência.

Filha de José Francisco Lisboa e de sua mulher D. Eufrásia Teresa Rosa. Fez testamento a 17 de fevereiro de 1820⁵⁴ deixando por testamenteira Ana Jerónima do Carmo, solteira, moradora na Rua direita da Anunciada, freguesia de S. José e na sua falta Francisco da Mota. Não tendo ascendentes nem descendentes, pode dispôr livremente de todos os bens. Determina que no dia do falecimento “*ou no Seguinte quando já não sejam horas competentes se mandem dizer 6 Missas de Corpo presente*” de esmola de 240 reis e “*pello tempo em diante*” mais 20 missas de esmola de 200 reis, todas pela sua Alma, e 10 missas da mesma esmola pela Alma do marido; e que dê ao Pároco da freguesia em que morrer 1600 reis, ficando todas as despesas do funeral ao arbítrio dos testamenteiros “*recomendando-lhes se faça com a maior moderação, e sem fausto sempre improprio de semelhante acto*”.

Deixou os seguintes legados: a Jacinta Isabel da Silva “*por muito particulares motivos de amizade que lhe devo*”, 38400 reis; a Luís António Afonso “*meu Criado pelo bem que me tem servido e espero continue do mesmo modo*”, 48.000 reis além de metade do seu ordenado que se lhe deve e se estiver a dever ao tempo do faleci-

⁵¹ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Encarnação, C.-10, fl. 224v.º. Assento reformado por se terem perdido os livros com o terramoto de 1755.

⁵² Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, S. Tomé, B-2, fl. 149.

⁵³ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Mártires, C.-2, fl. 99. Testemunhas: Desembargador António Joaquim de Pina Manique e António Leite Pereira (o padre escreve *Freire*) de Melo Virgolino. O padre dá o noivo como viúvo de sua mãe!

⁵⁴ Torre do Tombo, *Registo Geral de Testamentos*, Livro 375, fl. 169-169v.º

mento, porque da outra metade é responsável a herança de minha irmã D. Ana Catarina de Sena Lisboa, “e a deve haver da sua respectiva herdeira”.

Declara ser credora por escritura pública de “*avultada soma*” a Roque Lourenço de Aguiar e sua mulher, correndo litígio contra seus filhos e herdeiros na Correição do Cível da cidade; credora também de “*meu primo*” o Vice-Almirante Joaquim José Monteiro Torres⁵⁵, “*de resto de maior quantia*” de cujo pagamento está encarregado Agostinho Jacó, cunhado do sobredito, “*do qual se haverá o dito resto*”. Declara ainda que lhe devem muitos anos da tença que leva no Almojarifado da Portagem constante do respectivo padrão, e vários anos do Monte Pio pela patente do marido, “*conforme o Tittulo que se me passou*”; finalmente, declara ser credora ao Real Erário de diversas quantias provenientes dos contratos de que o pai foi re-matante e sócio por adiantamentos feitos ao mesmo Real Erário. Com a cobrança destes e de outros créditos, os testamenteiros satisfarão as disposições e legados, “*e metade da divida de que já sou devedora ao S.r Francisco da Motta, e do mais que se lhe estiver devendo ao tempo da minha morte por que da outra metade de todo seu credito a esse tempo he responsavel a herança da dita minha Irmã D. Anna Catharina de Senna Lisboa, e hoje a sua Universal herdeira havendo-se por Liquidada a divida pela conta que o mesmo Senhor apresentar pella sua notoria verdade*”; os testamenteiros satisfarão alguma outra quantia de que seja devedora.

Foi aprovado a 18 de Fevereiro de 1821 em casa da testadora, que se achava enferma de cama, na Rua da Conceição n.º 15, pelo Tabelião João Caetano Correia, na presença das seguintes testemunhas: Casimiro Joaquim Lúcio, com fábrica de caixas na Rua Nova do Carmo, Francisco José de Sena, fabricante de pentes, Alexandrino José Duarte “*da mesma arte*”, todos moradores na Rua Nova do Almada, Guilherme Ferreira, marceneiro com loja na mesma rua, Joaquim José de Barros, latoeiro de folha branca, morador na Calçada de S. Francisco, que assinaram.

Filho do 1.º casamento:

⁵⁵ <http://geneall.net/pt/nome/53685/joaquim-jose-monteiro-torres/>

V. José Alexandre Montanha

Nasceu em Lisboa, Ajuda, a 1 de novembro de 1757 e foi baptizado a 19 de dezembro⁵⁶, sendo padrinho D. José Luís de Meneses, Conde de Valadares e madrinha a Princesa de Holstein D. Mariana Leopoldina de Áustria (sic), representada por seu procurador, D. Frederico Guilherme de Sousa.

Foi Cavaleiro da Ordem de Santiago por portaria do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, José de Seabra da Silva, de 27 de janeiro de 1792, mercê concedida a seu pai para se verificar nele. Foi dispensado da habilitação por decreto do Rei de 8 de março de 1792, em virtude do qual a Mesa da Consciência e Ordens o considerou habilitado a 6 de Outubro desse ano⁵⁷.

Casou duas vezes:

1.^a, em Lisboa, Mártires, no oratório das casas de sua sogra, na Rua de S. Francisco, a 28 de abril de 1794⁵⁸, com **D. Luísa Justina Rosa Moreira Pegas**, que nasceu em Santos-o-Velho, e morreu em Lisboa, Mártires.

Filha de António Moreira Pegas e Freire, bacharel, advogado da Casa da Suplicação, Cavaleiro da Ordem de Cristo (26.8.1761), Fidalgo de Cota de Armas por carta de 2.12.1774 (escudo esquartelado: I e IV - Moreiras, II - Pegas e III - Freires⁵⁹), e de sua mulher D. Maria Joaquina Rosa.

2.^a, em Lisboa, St.^a Engrácia, no oratório do palácio do Marquês de Lavradio, a 18 de Abril de 1803⁶⁰, com **D. Maria Liberata de Santa Rita da Costa Machado de Espínola**, que nasceu em Lisboa, S. Cristóvão, a 12 de Dezembro de 1776 e foi baptizada a 6 de Janeiro de 1777 sendo padrinhos Dr. Manuel António da Fonseca, Cavalei-

⁵⁶ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Ajuda, B.-8, fl. 129v.º.

⁵⁷ Torre do Tombo, *Habilitações da Ordem de Santiago*, José Alexandre Montanha, mc. 6, n.º 120. Registo Geral de Mercês, D. Maria I, Livro 10, fl. 268-268v.º.

⁵⁸ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Mártires, C.-2, fl. 116v.º. Testemunhas: D. Rodrigo de Moura e Vasco Salter de Mendonça.

⁵⁹ BAËNA, Visconde de Sanches de - *Archivo Heraldico-Genealogico*. S.l.: [Fernando Santos, Luís Wenceslau Barroso, Rodrigo Faria de Castro], 1991, vol. I, p. 77, n.º 302 [fac-simile da 1.^a edição, Lisboa: Typographia Universal, 1872].

⁶⁰ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, St.^a Engrácia, C.-10, fl. 222v.º-223. Testemunhas: D. Luís de Almeida, Conde de Avintes, morador nesta freguesia, e Francisco de Melo, morador na Rua da Rosa das Partilhas, freguesia das Mercês.

ro da Ordem de Cristo, Opositor às cadeiras da Universidade de Coimbra, e N.^a Sr.^a dos Prazeres.

Filha de Joaquim Germano da Costa Machado, nascido em Lisboa, S. Cristóvão, a 28 de maio de 1745, e de sua mulher, com que casou em Lisboa, Pena, a 11 de novembro de 1775, D. Inácia Violante Roberta da Silva, nascida em Lisboa, Mártires (registo transcrito a 30.4.1758).

Entre 1804 e 1816, José Alexandre e sua mulher viveram na Travessa do Conde de Avintes, freguesia de St.^a Engrácia.

Filhos do 2.^o casamento:

VI. Alexandre José Victor Montanha

Nasceu em Lisboa, St.^a Engrácia, a 12 de Abril de 1804 e foi baptizado a 4 de Maio⁶¹, sendo padrinho o Conde de Avintes, D. Luís de Almeida, e D. Mariana de Almeida representada pelo Reverendo Miguel Pais de Figueiredo e Sousa.

Assentou praça como Soldado a 24 de fevereiro de 1823. Justificou a sua nobreza a 5 de abril de 1824 para ser promovido a Cadete, o que aconteceu a 17 do mesmo mês. Frequentou o primeiro ano de Matemáticas na Real Academia de Marinha, pedindo a 9 de março de 1826 para ser promovido a Alferes para o Estado da Índia. Foi Cadete porta-bandeira do Regimento de Infantaria 7 a 1 de outubro de 1827. Em 1828 marchou contra os rebeldes do Porto e assistiu ao ataque da Cruz dos Marouços a 24 de junho. Foi promovido a Alferes a 9 de abril de 1831. Recebeu as medalhas de Fidelidade ao Rei e à Pátria e da Real Efigie do Rei D. Miguel.

VI. Padre Joaquim de Santa Rita Montanha

Nasceu em Lisboa, St.^a Engrácia, a 31 de Março de 1806 e foi baptizado a 12 de Abril⁶² sendo padrinho o Marquês de Lavradio D. António de Almeida e madrinha a Marquesa do mesmo título, D. Ana Teles da Silva, por procuração a seu filho D. António de Almeida. Morreu em 1870.

⁶¹ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, St.^a Engrácia, B.-14, fl. 229.

⁶² Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, St.^a Engrácia, B.-15, fl. 4-4v.^o.

Foi Prior da Igreja de N.ª Sr.ª da Conceição de Inhambane desde 1836⁶³ embora exista a sua nomeação como Vigário da dita igreja por decreto de 14 de Novembro de 1856⁶⁴.

Responsável pela construção da igreja de Inhambane, foi figura proeminente da vida política e social da vila. Professor das primeiras letras desde 1840, participou em 1842 de um breve governo interino e depois no triunvirato que governou esta região em 1850.

Comerciante, explorou a região onde é actualmente o famoso Krugger Park e foi um dos quatro descobridores do Transval em conjunto com Serpa Pinto, Diocleciano das Neves e Costa Leal.

Em 1849 é referido como Cavaleiro da Ordem de Cristo.

VI. João-Baptista Montanha,

Nasceu em Lisboa, St.ª Engrácia, a 22 de Maio de 1810, e foi baptizado a 23 de Julho⁶⁵ sendo padrinho o Principal da Santa Igreja Patriarcal D. Estevão Teles da Silva, por procuração ao Reverendo António Inácio de Campos, e madrinha a Marquesa de Lavradio, D. Rita do Santíssimo Sacramento de Vasconcelos, por procuração ao Reverendo Manuel José Duarte. Morreu em Lisboa, Pena, a 14 de julho de 1895. Major de Infantaria, Cavaleiro da Ordem de Avis (1862), medalha de D. Pedro e D. Maria, algarismo 2 (1863). Casou em Lisboa, S. Vicente de Fora, a 8 de dezembro de 1835⁶⁶, com **D. Maria Rosa Zeferina de Miranda**, que nasceu em Lisboa, Mercês, a 5 de Fevereiro de 1817 e foi baptizada a 19 do mesmo mês⁶⁷, tendo por padrinho Cristóvão (?) Stocqueler e D. Maria Rosa Zeferina, por procuração a António João de Miranda. Filha de Tomé Gualberto de Miranda, nascido em Lisboa, S. Sebastião da Pedreira, escrivão das sisas e do almoxarifado da vila de Ponte de Lima (1819), al-

⁶³ LIESEGANG, Gerhard - *Três autores sobre Inhambane: vida e obra de Joaquim de Santa Rita Montanha (1806-1870), Aron S. Mukhombo (ca. 1885-1940) e Elias S. Mucambe (1906-1969)*. Arquivo – Revista do Arquivo Histórico de Moçambique, n.º 8, outubro de 1990, p. 73.

⁶⁴ Torre do Tombo, *Registo Geral de Mercês*, D. Pedro V, Livro 13, fl. 83v.º-84.

⁶⁵ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, St.ª Engrácia, B.-15, fl. 122.

⁶⁶ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, S. Vicente, C.-8, fl. 65-65v.º. Testemunhas: Luís Cândido Montanha, irmão do noivo, e Paulino Gualberto de Miranda, solteiro, morador na Calçada do Menino Deus.

⁶⁷ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, Mercês, B.-9, fl. 96.

feres da 5.^a companhia do regimento de Voluntários Reais de Milícias a pé de Lisboa Ocidental (12.2.1815), despachante da Casa da Índia e Mina (12.9.1819), e de sua mulher, com quem casou em Lisboa, S. Miguel de Alfama, no oratório e casas de residência de José Francisco de Borja no Castelo Picão, a 2 de Fevereiro de 1816⁶⁸, D. Maria do Carmo, nascida em Lisboa, S. Julião (à data do casamento vivia com o referido José Francisco de Borja, seu tio). Neta paterna de João Gualberto de Miranda e de Ana Maria dos Santos. Neta materna de Manuel Ferreira da Costa e de D. Maria do Carmo. Em 1838 João-Baptista e sua mulher moravam na Rua da Igreja, freguesia de Santiago; em 1841 no Largo da Páscoa, 13, freguesia de St.^a Isabel; em 1844 na Rua da Piedade, 8, freguesia de St.^a Isabel; em 1847 na Rua direita da Fábrica da Seda, freguesia de S. Mamede; em 1848 na Rua de S. Miguel, 20; em 1850 na Rua de Campo de Ourique, 3; em 1856 na Rua do Salitre, freguesia de St.^a Isabel. Filho, entre outros:

VII. João Paulino Montanha

Nasceu em Lisboa, St.^a Isabel, a 11 de Maio de 1841 e foi baptizado a 12 de Setembro sendo padrinhos os tios maternos, Paulino Gualberto de Miranda, solteiro, e D. Margarida Senhorinha de Miranda. Morreu em Lisboa, Alcântara, na Rua de Alcântara, n.º 6, 1.º, a 19 de janeiro de 1911 e foi sepultado em jazigo de família no Cemitério dos Prazeres. Não deixou testamento.

Assentou praça voluntária em 1855 em Caçadores 2. Em 1860 foi Alferes para Moçambique sendo transferido para o Exército da Índia em 1861. Alferes da Guarda Municipal de Goa em 1862, foi transferido para Cabo Verde em 1866, regressando à Índia onde foi Ajudante de Campo do Governador Geral (1869-1870). Tenente do Exército de Portugal em 1870, Capitão para o Regimento de Infantaria do Ultramar, sendo colocado no Batalhão Expedicionário à Índia em 1876. Foi promovido a Major em 1876 e a Tenente Coronel para o Estado-Maior de Infantaria em 1894. Coronel comandante do Regimento de Infantaria n.º 127, Governador do Forte de S. Julião da Barra e General de Brigada em 1907.

⁶⁸ Torre do Tombo, *Registos Paroquiais*, Lisboa, S. Sebastião da Pedreira, C.-6, fl. 65v.º. Testemunhas: João José Francisco de Borja, tio da nubente, e Cristiano José Stocqueler (como assina), morador ao Rego.

Foi agraciado com as seguintes condecorações: Cavaleiro da Ordem de Cristo (9.11.1867) e da Ordem da Torre e Espada (1895), Cavaleiro (1881), Oficial (1895) e Comendador (1903) da Ordem de Avis, medalha militar de prata de Serviços no Ultramar com o algarismo 2 (1891) e medalha militar de ouro da classe de Comportamento Exemplar.

Casou em Goa, Pangim, a 26 de março de 1863 com **D. Maria Guilhermina de Noronha**⁶⁹, que nasceu em Pangim a 29 de julho de 1846 e aí morreu a 27 de Fevereiro de 1874. Era irmã do 1.º Conde de Mahém.

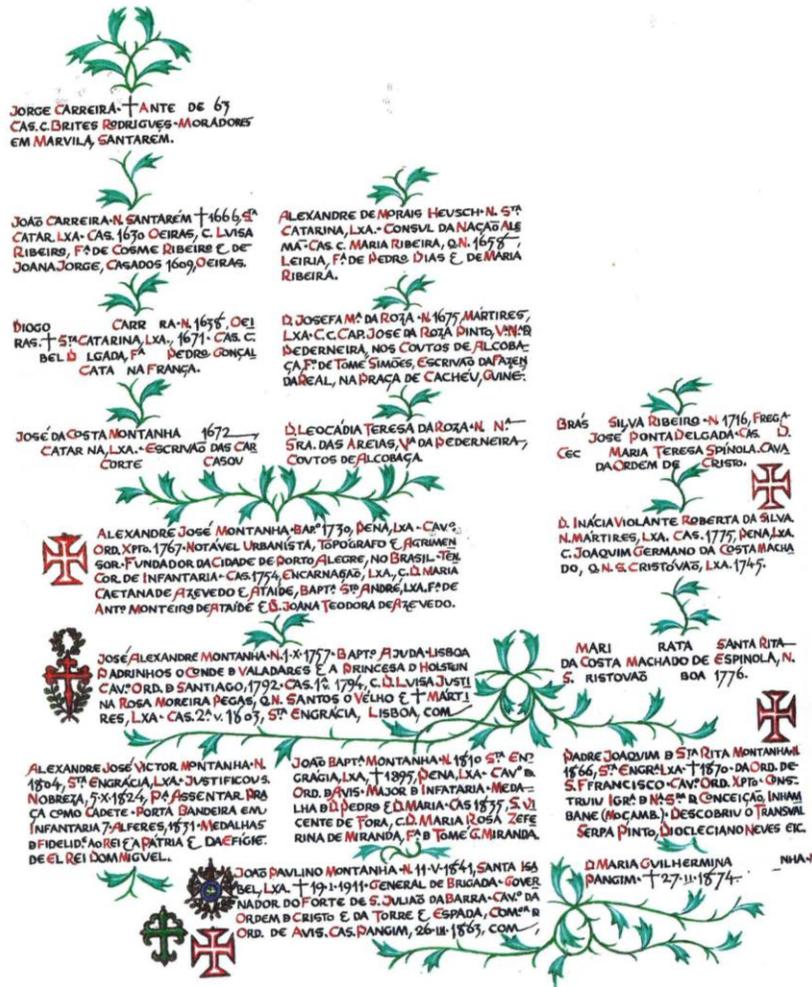
Filha de D. Joaquim Cristóvão de Noronha⁷⁰ (dos Condes dos Arcos de Valdevez), Major, Moço Fidalgo e Fidalgo Escudeiro da Casa Real (1820), 1.º Senhor da aldeia de Mahém, etc., e de sua mulher D. Genoveva Leonildes da Costa Campos⁷¹.

⁶⁹ FORJAZ, Jorge; NORONHA, José Francisco - *Os Luso-Descendentes da Índia Portuguesa*. S.l.: Fundação Oriente, 2003, vol. III, p. 46, em *Noronha*.

⁷⁰ FORJAZ, Jorge; NORONHA, José Francisco - o.c., vol. III, p. 46, em *Noronha*.

⁷¹ FORJAZ, Jorge; NORONHA, José Francisco - o.c., vol. I, p. 689, em *Costa Campos*.

Quadro n.º 2 – árvore genealógica da família Montanha pintada por Mestre Bérnard Guedes:



Capítulo 3

Conclusão: quadro sobre a mobilidade social da família Montanha

Se atendermos aos requisitos que Guilherme Maia de Loureiro considera para o estrato específico EMI – Estado do Meio Inferior⁷²: “indivíduos cujos activos culturais ou patrimoniais lhes garantiam um estilo de vida que não implicava trabalho braçal mas que, pelo contrário, lhes permitia o exercício de ofícios limpos e honrados que exigiam uma formação técnica especializada e, frequentemente, alfabetização e literacia”; e também aos seus exemplos: “homens honrados, limpos de trato e de ofício, oficiais de ofícios mecânicos maiores (e.g. boticários e cirurgiões), tabeliães, escrivães, solicitadores, oficiais de contadoria, lavradores de terras próprias e negociantes com criados, familiares e comissários do Santo Ofício, clérigos in minoribus, presbíteros do hábito de São Pedro e clérigos regulares de origens populares, etc..”, parece-nos fazer sentido considerar que as 3 primeiras gerações da família aqui estudada, **João Carreira**⁷³, seu filho **Diogo Ribeiro Carreira**⁷⁴ e seu neto **José da Costa Montanha**⁷⁵ se enquadram nesta categoria.

⁷² Loureiro, Guilherme Maia, “Estratificação e Mobilidade Social no Antigo Regime em Portugal (1640-1820)”, Lisboa: Guarda-Mor, Edições de Publicações Multimédia, 2015, pág. 360.

⁷³ Idem, ibidem, pág. 408: usando uma ideia do autor da tese “terá pelo menos tido oportunidade de dar alguma formação académica aos seus filhos, o que revela folga financeira”, pois Diogo Ribeiro Carreira foi “... impressor, e que tinha um irmão chamado Jorge Carreira que também fora impressor da oficina chamada de Charsbeque (Craesbeek), e pertenceu a uma família da freguesia de Oeiras cujos membros eram todos de limpo sangue ...” (A.N.T.T., Habilitações do Santo Ofício, Caetano Duarte Ferreira e Barbuda, letra C, maço 4, nº 55).

⁷⁴ Idem, ibidem, pág. 91, nota 183: reactivamente aos impressores, Villasboas e Sampaio inclui-os no estado do meio “porque além de ser ilustre e engenhosa, inclui em si outras artes liberais, como é a gramática, ortografia, pontuação, aritmética, geometria, juntamente com um forçoso conhecimento de caracteres gregos, hebreus e siriacos, e uma notícia geral dos termos das ciências”.

⁷⁵ Na sua mocidade foi secretário do Conde de Val de Reys velho, mais tarde foi para as Índias de Espanha por feitor de contrato e escrivão do comércio, escrivão das Carruagens da Corte e Reino, escrivão da Misericórdia da vila da Pederneira, e no fim da vida assistia em sua caça escrevendo alguns papeis e fazendo outras contas tocantes ao negocio de que era encarregado por muitos homens dele pela sua inteligência, e letra. Casou em 1ªs núpcias com a filha de um C.O.C. e em 2ªs com a filha de um Capitão e Escrivão da Fazenda Real. Do primeiro casamento teve 2 filhas: uma casou com um Capitão de Ordenanças, Familiar do Santo Ofício e Escrivão das Madeiras, outra com um F.S.O..

Parece não haver dúvida que **Alexandre José Montanha** é a grande alavanca da mobilidade ascensional desta família: deverá ter sido através da rede clientelar da sua família e depois do seu mérito profissional que chega a criado grave na Casa do Calhariz e a escudeiro da Princesa de Holstein. Mais tarde estudou na Academia Militar da Corte, de onde sai para Ajudante de Infantaria com o exercício de engenheiro. Em 1765 é promovido a capitão com o exercício de engenheiro para ir servir no Rio de Janeiro durante 6 anos. No mesmo ano, consolida a sua posição social, ascendendo à NM - nobreza de mercê ao ser agraciado com o hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Notável urbanista, topógrafo, agrimensor, foi o primeiro urbanizador da cidade de Porto Alegre, no Brasil, onde ainda existe uma rua com o seu nome: Rua Capitão Montanha. A 20 de Novembro de 1780 foi promovido a Sargento-mor de Infantaria com o exercício de engenheiro, e em 16 de Maio de 1791 ascende a Tenente-Coronel.

A quinta geração desta família, representada aqui pelo filho do Tenente-Coronel Alexandre José Montanha e de sua primeira mulher D. Maria Caetana de Azevedo e Ataíde, **José Alexandre Montanha**, mantém-se no estrato específico da NM – Nobreza de Mercê, pois este foi Cavaleiro da Ordem de Santiago por portaria do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, José de Seabra da Silva, de 27 de janeiro de 1792, mercê concedida a seu pai para se verificar nele. José Alexandre Montanha tem como padrinho de baptismo⁷⁶, D. José Luís de Meneses, Conde de Valadares e madrinha a Princesa de Holstein D. Mariana Leopoldina de Áustria (sic), representada por seu procurador, D. Frederico Guilherme de Sousa. Casa em 1^{as} núpcias com a filha de um bacharel, advogado da Casa da Suplicação, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Fidalgo de Cota de Armas e em 2^{as} núpcias com a descendente de uma nobre família de São Miguel, Açores⁷⁷.

Deste segundo casamento tem 3 filhos que também mantem a família na NM – Nobreza de Mercê:

1. **Alexandre José Victor Montanha**, que teve como padrinho de baptismo o Conde de Avintes, D. Luís de Almeida, e D. Mariana de Almeida representada pelo Reverendo Miguel Pais de Figueiredo e Sousa, justificou a sua nobreza para ser promovido a Cadete, frequentou o primeiro ano de Matemáticas na Real Academia de Marinha, foi cadete portabandeira do Regimento de Infantaria 7, marchou contra os rebeldes do Porto e assistiu ao ataque da Cruz dos Marouços, promovido a Alferes,

⁷⁶ Idem, *ibidem*, ver o capítulo 5.2. “O apadrinhamento”, pág. 332.

⁷⁷ Rebello, Francisco Montanha, “Uma ascendência Rego e Botelho”, *Cadernos do Barão de Arêde*, nº5, julho-setembro 2015, pág. 152.

foi condecorado com as medalhas de Fidelidade ao Rei e à Pátria e da Real Efigie do Rei D. Miguel.

2. **Joaquim de Santa Rita Montanha**, que teve como padrinho o Marquês de Lavradio D. António de Almeida e madrinha a Marquesa do mesmo título, D. Ana Teles da Silva, por procuração a seu filho D. António de Almeida.

Padre, prior da Igreja de N.ª Sr.ª da Conceição de Inhambane, Professor das primeiras letras, participou de um breve governo interino e depois no triunvirato que governou a região de Inhambane, comerciante, explorou a região onde é actualmente o Krugger Park e foi um dos quatro descobridores do Transval em conjunto com Serpa Pinto, Diocleciano das Neves e Costa Leal. Foi Cavaleiro da Ordem de Cristo.

3. **João Baptista Montanha**, que teve como padrinho o Principal da Santa Igreja Patriarcal D. Estevão Teles da Silva, por procuração ao Reverendo António Inácio de Campos, e madrinha a Marquesa de Lavradio, D. Rita do Santíssimo Sacramento de Vasconcelos, por procuração ao Reverendo Manuel José Duarte. Major de Infantaria, Cavaleiro da Ordem de Avis, medalha de D. Pedro e D. Maria, algarismo 2 (1863).

João Baptista Montanha casou com a filha de um escrivão das sisas e do almoxarifado da vila de Ponte de Lima, alferes da 5.ª companhia do regimento de Voluntários Reais de Milícias a pé de Lisboa Ocidental e despachante da Casa da Índia e Mina. Tiveram vários filhos dos quais o mais velho foi o General de Brigada **João Paulino Montanha**, Ajudante de Campo do Governador Geral da Índia (1869-1870), Governador do Forte de S. Julião da Barra, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada, Cavaleiro (1881), Oficial (1895) e Comendador da Ordem de Avis, medalha militar de prata de Serviços no Ultramar com o algarismo 2 (1891) e medalha militar de ouro da classe de Comportamento Exemplar, que casou com **D. Maria Guilhermina de Noronha**⁷⁸, irmã do 1.º Conde de Mahém, filha de D. Joaquim Cristóvão de Noronha⁷⁹ (dos Condes dos Arcos de Valdevez), Major, Moço Fidalgo e Fidalgo Escudeiro da Casa Real (1820), 1.º Senhor da aldeia de Mahém, etc., trineto do 4.º Conde dos Arcos⁸⁰.

⁷⁸ FORJAZ, Jorge; NORONHA, José Francisco - *Os Luso-Descendentes da Índia Portuguesa*. S.l.: Fundação Oriente, 2003, vol. III, p. 46, em *Noronha*.

⁷⁹ FORJAZ, Jorge; NORONHA, José Francisco - o.c., vol. III, p. 46, em *Noronha*.

⁸⁰ <http://geneall.net/pt/nome/12668/d-marcos-de-noronha-4-conde-dos-arcos/>

Quadro nº3 – quadro sobre a mobilidade social da família Montanha

